

# **Epistemologias feministas: um recorte descritivo-exploratório de produções brasileiras**

## **Feminist epistemologies: a descriptive-exploratory cut of Brazilian productions**

**Grégory Alves Dionor**

Universidade Federal da Bahia – Universidade Estadual de Feira de Santana /  
Universidade do Estado da Bahia  
gadionor.bio@gmail.com

**Carolina Queiroz Santana**

Universidade Federal da Bahia – Universidade Estadual de Feira de Santana  
carolinaufrb@gmail.com

### **Resumo**

A ciência, como qualquer constructo social, é demarcada pelas relações de gênero. Inúmeras produções de mulheres cientistas foram negligenciadas, sob a justificativa de falta de cientificidade em suas escolhas metodológicas. As epistemologias feministas surgem na ambição de questionar as epistemologias tradicionais aculturadas sob um viés de masculinidade. Nesta pesquisa nos voltamos para aspectos ainda pouco explorados, tais quais: como e sob quais embasamentos teóricos se apresentam, na literatura brasileira, trabalhos que versam sobre as discussões acerca das epistemologias feministas? A partir da análise dos artigos presentes na literatura e enquadrados na pesquisa, percebemos que os autores não apresentam explicitamente sua vinculação teórica, ou seja, quais os referenciais adotados para embasarem discussões relativas às epistemologias feministas. A maioria dos trabalhos trata-se de pesquisas explicativas, bibliográfica e documentais, e construídos em áreas das Ciências Humanas.

**Palavras chave:** Relações de Gênero, Mulheres nas ciências, Revisão da literatura.

### **Abstract**

Gender relations mark Science, like any social construct. Countless productions of women scientists have been neglected, under the justification of lack of scientificity in their methodological choices. Feminist epistemologies arise in the ambition to question traditional epistemologies acculturated under a masculinity bias. In this research, we turn to aspects that are still little explored, such as: how and under what theoretical foundations are there, in Brazilian literature, works dealing with discussions about feminist epistemologies? From the analysis of the articles present in the literature and framed in the research, we realized that the authors don't explicitly present their theoretical connection, that is, what are the references adopted to support discussions related to feminist epistemologies. Most of the works are explicative, bibliographic and documentary research, and built in areas of Human Sciences.

**Key words:** Gender Relations, Women in Science, Literature Review.

## Introdução

A Ciência, não muito diferente de outras atividades humanas, se constrói socialmente e, na mesma medida, reproduz desigualdades e relações de poder (ZALAQUETT, 2012). É a própria comunidade científica que valida o que pode ou não ser considerado científico e, dessa forma, esbarra nas mesmas desigualdades que são visíveis nas elites de poder, por exemplo.

Em consonância com acadêmicas feministas (HARDING, 1987; KELLER, 2006; SCHIEBINGER, 2001), apontamos para a presença do androcentrismo e sexismo nas produções científicas. Sob esse espectro, as mulheres, devido a seu lugar enquanto “o outro” no meio sociohistórico, tenderam a ser negligenciadas pela história e filosofia das ciências (BEAVOUIR, 2019), vivenciando a denominada injustiça epistêmica - a exclusão da contribuição de uma ou mais pessoas à produção, disseminação e manutenção do conhecimento (FRICKER, 2007). Ao longo da história, mulheres cientistas tiveram suas pesquisas e métodos questionados, compreendidos como uma pseudociência, em decorrência do seu gênero ou então tiveram suas produções atribuídas a um homem como forma de validação – o chamado Efeito Matilda (ROSSITER, 1993).

Para isso, as epistemologias tradicionais ou legítimas marginalizam as epistemologias feministas por considerá-las incompatíveis com a neutralidade e universalidade do saber científico. Na tentativa de romper com essa hegemonia, o feminismo, assim como outros movimentos de grupos subalternizados, tem se dedicado a analisar os usos e abusos da ciência. É sabido que a valorização masculina é recorrente em diferentes culturas e ao mesmo tempo as políticas públicas em sociedades estratificadas conseguem atender as especificidades dos subgrupos (SCHIEBINGER, 2001). É a partir desta leitura que se têm desenvolvido as epistemologias feministas com o objetivo de validar e incluir a produção de mulheres. Assim como o movimento de mulheres, outros movimentos concordam sobre a impossibilidade de uma teoria geral que ignora o sujeito contextualizado socialmente (GONZALEZ, 2005).

De acordo com Rago (1998, p.3) podemos considerar que a epistemologia define um campo e uma forma de produção do conhecimento, “a partir do qual operamos ao produzir o conhecimento científico, a maneira pela qual estabelecemos a relação sujeito objeto do conhecimento e a própria representação de conhecimento como verdade com que operamos”. O feminismo não apenas tem produzido uma crítica contundente ao modo dominante de produção do conhecimento científico, como também propõe modos alternativos de operação e articulação nesta esfera. Mas isso não ocorre por meio de uma única e totalizadora epistemologia feminista, mas diferentes campos teóricos que passam a pensar epistemologias feministas como formas específicas de produção do conhecimento que traz a marca especificamente feminista, libertária e emancipadora.

Nesse cenário, percebemos uma carência de pesquisas voltadas à construção e à utilização de quadros teóricos, visando uma clareza conceitual na área (KAHN; ZEIDLER, 2017; LEVINSON, 2006). Assim, torna-se necessário pesquisas de caráter teórico que se voltem para as discussões acerca dessas epistemologias, como os estudos de revisão da literatura, pois estudos dessa natureza nos auxiliam a entender como o conhecimento científico acerca da temática vem se construindo e quais são as contribuições e lacunas existentes (BELL, 2005).

Assim, nesta pesquisa, olhamos, para aspectos ainda pouco exploradas, tais quais: como e sob quais embasamentos teóricos se apresentam, na literatura brasileira, trabalhos que versam sobre as discussões acerca das epistemologias feministas?

## Percurso Metodológico

Esta é uma pesquisa de caráter descritivo-exploratório, por buscar construir um quadro panorâmico (DEMO, 1985) acerca de publicações que versam sobre a temática Epistemologias Feministas. Assim, realizamos uma pesquisa teórica na modalidade pesquisa bibliográfica, por meio de um estado da arte, entendendo aqui esta modalidade como aquela que busca explorar materiais já desenvolvidos, como artigos científicos (GIL, 2017). A escolha pelo estado da arte se deu por esta utilizar-se de um método de pesquisa transparente e rigoroso cientificamente, minimizando, assim, alguns graus de enviesamento, ao mesmo tempo em que uma busca exaustiva da literatura acerca da temática é realizada (RAMOS; FARIA; FARIA, 2014).

Dessa forma, buscamos em uma base de dados os trabalhos que se propunham a discutir aspectos relacionados às epistemologias feministas, para que pudesse, a partir da análise dos mesmos, compreender minimamente como tais discussões têm se apresentado.

A base de dados selecionada foi o site de indexação de periódicos Scientific Electronic Library Online – SciELO (<<http://www.scielo.org/php/index.php>>), por este indexar cerca de 1.440 periódicos. Nesta base, utilizamos o termo de busca “epistemologia\* feminista\*”, tendo sido o levantamento realizado entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020. No site, a busca foi feita sem restrição de datas, ou seja, cobrindo todo o intervalo de tempo disponibilizado.

Encontramos um total de 96 materiais, mas só consideramos para a pesquisa os artigos completos em português, inglês e espanhol. Após reunirmos todos, seis não estavam mais disponíveis para acesso, dois eram repetidos e cinco não eram artigos, restando 83 artigos.

A segunda filtragem foi então realizada buscando se estes artigos possuíam o termo “epistemologia feminista” (ou plural) no título, no resumo e nas palavras-chave, pensando que, se o assunto é, de fato, relevante/foco naquela pesquisa, ele constará ao menos em algum desses elementos da estrutura de um artigo. A partir disto, restaram 37 artigos que passaram, então, a próxima etapa de seleção.

A terceira filtragem buscava selecionar apenas os trabalhos produzidos em território brasileiro, visto que o objetivo deste trabalho é justamente elaborar um panorama nacional sobre esse grupo de epistemologias subalternizadas. Após aplicado o último critério, restaram 12 artigos que compuseram o corpus de análise desse trabalho (Quadro 1).

**Quadro 1:** Trabalhos selecionados e analisados.

Cód.	Autores	Título	Ano
01	ARAUJO, Fernanda S.; VASCONCELLOS, Bruna M.	Vivenciando o ser mulher em uma mina de carvão.	2018
02	FONSECA, Rosa Maria G.S.; SOUZA, Kleyde V.; ANDRADE, Clara J.M.; AMARAL, Maria A.; SOUZA, Vânia; CAETANO, Laise C.	Formação de um grupo de pesquisa em enfermagem na área da saúde da mulher e gênero.	2012
03	GIFFIN, Karen Mary.	Produção do conhecimento em um mundo "problemático": contribuições de um feminismo dialético e relacional.	2006
04	GINDRI, Eduarda T.; BUDÓ, Marília N..	Privilégios de gênero e acesso ao discurso acadêmico no campo das ciências criminais.	2018
05	HAMLIN, Cynthia L.	Ontologia e Gênero: Realismo crítico e o método das explicações contrastivas.	2008
06	HERNÁNDEZ, Jimena G.; NASCIMENTO, Marcos F.; UZIEL, Anna Paula.	Hombres jóvenes en privación de libertad: Anotaciones de una investigación psicosocial con perspectiva feminista.	2017
07	MATOS, Marlise.	Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências.	2008
08	MINELLA, Luzinete S.	Papéis sexuais e hierarquias de gênero na História Social sobre infância no Brasil.	2006
09	PIRES, Maria Raquel G.M.; FONSECA, Rosa Maria G.S.; PADILLA, Beatriz.	A politicidade do cuidado na crítica aos estereótipos de gênero.	2016
10	QUEIROZ, Isabela S.; PRADO, Marco Aurélio M..	Pesquisa narrativa com mulheres que usam drogas: uma experiência etnográfica feminista.	2018
11	SARDENBERG, Cecília Maria B.	Revisitando o campo: autocrítica de uma antropóloga feminista.	2014
12	VENSON, Anamaria M.; PEDRO, Joana Maria.	Pode a "traficada" falar?	2014

**Fonte:** Autores.

Nestes artigos do corpus da pesquisa, foi realizada a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), buscando descrever sobre como as epistemologias feministas vêm panoramicamente sendo discutido em um recorte da comunidade científica. As categorias analíticas foram definidas a priori, sendo refinadas após a leitura flutuante (BARDIN, 2011). Voltamos nossos olhares para a definição e os autores utilizados para conceituar “epistemologia feminista”, e minúcias da pesquisa como classificação dos objetivos, natureza e grande área de conhecimento/avaliação. Para isso, utilizamos o seguinte quadro analítico (Quadro 2):

**Quadro 2:** Ficha analítica para estudo dos artigos selecionados.

1. Identificação	1.1 Título
	1.2 Autores
	1.3 Revista
	1.4 Edição
2. Epistemologia feminista	2.1 Definição adotada
	2.2 Autores utilizados como referenciais
3. Minúcias da pesquisa	3.1 Objetivo do trabalho ( <i>sensu</i> SANTOS, 2007; GIL, 2017)
	3.2 Metodologia empregada ( <i>sensu</i> GIL, 2017)
	3.3 Grande área de conhecimento/avaliação (CAPES, 2017)

**Fonte:** Adaptado de Dionor (2018).

Cada artigo, após ser (1) identificado, foi analisado buscando: (2) qual a definição de epistemologia feminista adotada pelos autores, bem como quais os referenciais por eles História, Filosofia e Sociologia da Ciência

utilizados; (3) os objetivos buscados nos artigos, a metodologia empregada e em qual(is) grande(s) área(s) conhecimento/avaliação está situada.

Para a categorização dos objetivos do trabalho (item 3.1 – Quadro 1), tivemos como base as categorias propostas por Santos (2007) e Gil (2017). Estes autores propõem que, a partir dos seus objetivos, a pesquisa pode ser classificada em: Pesquisa exploratória, que proporciona uma familiaridade com o problema estudado, estando mais ligada aos estudos para entender o conhecimento já construído ou encontrar novas fontes; a Pesquisa descritiva, que descreve e detalha as características relacionadas ao fato/fenômeno/problema estudado; e Pesquisa explicativa, voltada à identificação de fatores que contribuem, explicam ou determinam a ocorrência dos fatos e as correlações de causa e efeito. Usamos as estratégias metodológicas categorizadas por Gil (2017) para classificar a metodologia empregada (item 3.2 – Quadro 2), sendo: bibliográfica, documental, experimental, ex-post facto, coorte, levantamento (survey), de campo, pesquisa-ação e pesquisa-participante. Na categorização relativa à área de conhecimento/avaliação elencada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (2017). É importante ressaltar que, caso estivesse explícito no texto algum elemento da classificação, essa seria o dado levado em consideração.

## Resultados

O corpus da pesquisa foi composto por 12 artigos publicados em periódicos indexados na base de dados SciELO, distribuídos conforme Tabela 1.

**Tabela 1:** Distribuição por periódico dos artigos encontrados na base de dados.

PERIÓDICO	N.º DE ARTIGOS	QUALIS*	ÁREA DE AVALIAÇÃO
Revista Estudos Feministas	3	A2	Sociologia/Filosofia
Cadernos Pago	1	A2	História
Mora (Buenos Aires)	1	B1	Antropologia
Psicologia USP	1	B3	Saúde Coletiva
<u>Psicoperspectivas: individuo y sociedad</u>	1	B2	Serviço Social
Revista Brasileira de Ciências Sociais	1	A1	Sociologia
<u>Revista Brasileira de Enfermagem</u>	1	B1	Saúde Coletiva
<u>Revista Direito &amp; Práxis</u>	1	A1	Direito
<u>Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana</u>	1	B1	Sociologia
Texto & Contexto Enfermagem	1	A2	Enfermagem
TOTAL	12		

\*Classificação de periódicos Quadriênio 2013-2016 (<http://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>).

**Fonte:** Autores.

Ressaltamos que outros trabalhos não foram abarcados por esta pesquisa, visto que não atenderam aos critérios de seleção descritos anteriormente. Apesar de serem pesquisas que temas relacionados às epistemologias feministas, somente 7 dos 12 trabalhos analisados trazem explicitamente um conceito do que entendem do termo (Trabalhos 05;06;07;08;10;11;12). Ou seja, em trabalhos que se propuseram investigar temáticas ligadas às epistemologias feministas, metade dos autores não elaboram tais discussões, nem explicam a compreensão deles acerca das mesmas. Logo, estes trabalhos carecem de uma base teórica apropriada, sólida, para evitar análises superficiais e/ou equívocos nas discussões a serem

realizadas; ou seja, por mais que os autores tenham apropriação do objeto de estudos, a vinculação teórica precisa estar explícita, inclusive como forma de melhor qualificar/sustentar os argumentos elaborados (DIONOR, 2018).

Dentre os trabalhos analisados que conceituam epistemologias feministas, algumas das definições apontadas foram:

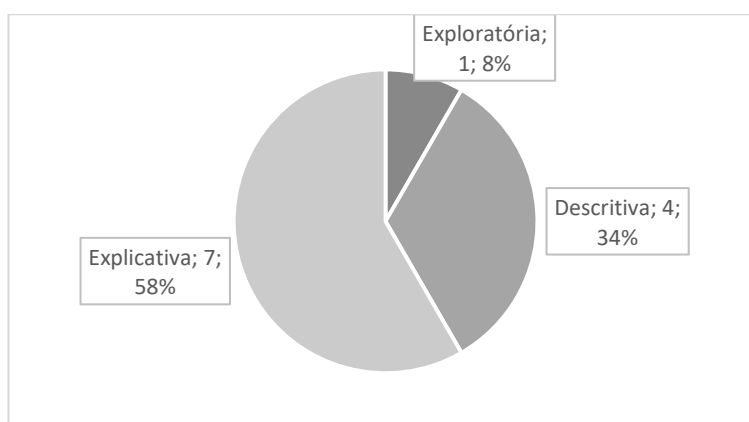
A filosofia e a epistemologia feminista, em particular, dedicam-se sobretudo à forma pela qual o gênero influencia nossas concepções de conhecimento, de sujeito cognoscente, assim como as diversas práticas de justificação dessas concepções. Sem adentrar nas especificidades das diversas tradições da epistemologia feminista, é possível afirmar que, de forma geral, todas procuram identificar as formas por meio das quais as concepções e as práticas de atribuição, aquisição e justificação do conhecimento têm sistematicamente colocado em desvantagem as mulheres e outros grupos subordinados, buscando ainda modificar essas concepções e práticas a fim de que elas possam servir aos interesses desses grupos (sua dimensão emancipatória) (Anderson, 2004) (Trabalho 05, p. 72).

Con respecto a la epistemología feminista, podemos considerar que su principal objetivo es “comprender, explicar, interpretar y desmontar los conocimientos que han sustentado el androcentrismo en la ciencia” (Castañeda, 2008, p. 11) (Trabalho 06, p. 92).

A epistemologia feminista denuncia, assim, a maneira como as concepções e práticas hegemônicas de produção de conhecimento sistematicamente desconsideraram as mulheres e outros grupos socialmente discriminados (Harding, 1987). Para Vargas (2012), as teorias assim produzidas “invisibilizam as atividades e os interesses das mesmas e as relações de poder desiguais que vivenciam, além de não atenderem às [suas] reais necessidades” (p. 33) (Trabalho 10, p. 227).

A partir do que se objetiva na pesquisa, esta pode ser classificada como Exploratória, Descritiva ou Explicativa e, a partir dessa interpretação, classificamos os trabalhos analisados (GIL, 2017; RAMOS, 2007). Desta maneira, percebemos um maior número de pesquisas Explicativa (Trabalhos 05;06;07;08;09;11;12), em comparação às pesquisas Exploratórias (Trabalho 03) e Descritivas (Trabalhos 01;02;04;10) (Gráfico 1).

**Gráfico 1:** Número de trabalhos por categoria de classificação.



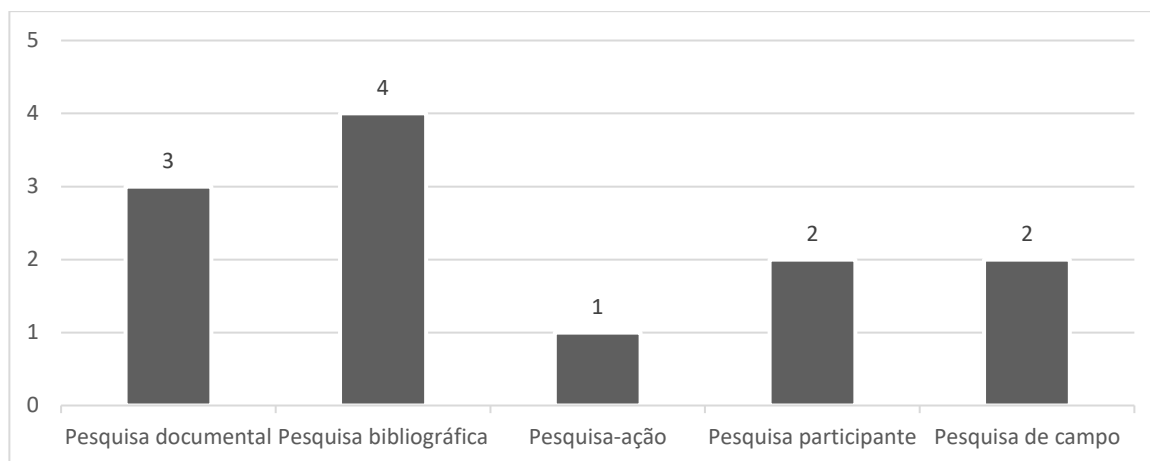
**Fonte:** Autores.

Mesmo considerando que pesquisas geralmente possuem etapas exploratórias e descritivas como passos prévios para chegarem às explicações obtidas nas pesquisas Explicativas, o

número de pesquisas deste tipo (Explicativas) torna-se preocupante (apenas próximo da metade), visto que muitos dos componentes teóricos que fundamentam várias áreas do conhecimento científico são alcançados por estas pesquisas (RAMOS, 2007), e sua ausência acaba por contribuir para a manutenção do contexto de carência teórica na área (KAHN; ZEIDLER, 2017; LEVINSON, 2006).

Quanto aos tipos de pesquisa pela metodologia empregada, a partir da classificação adotada por Gil (2017), temos a seguinte distribuição (Gráfico 2). Ressalto que alguns dos artigos analisados foram classificados em mais de um tipo de pesquisa.

**Gráfico 2:** Distribuição dos trabalhos conforme classificação da metodologia empregada (GIL, 2017).

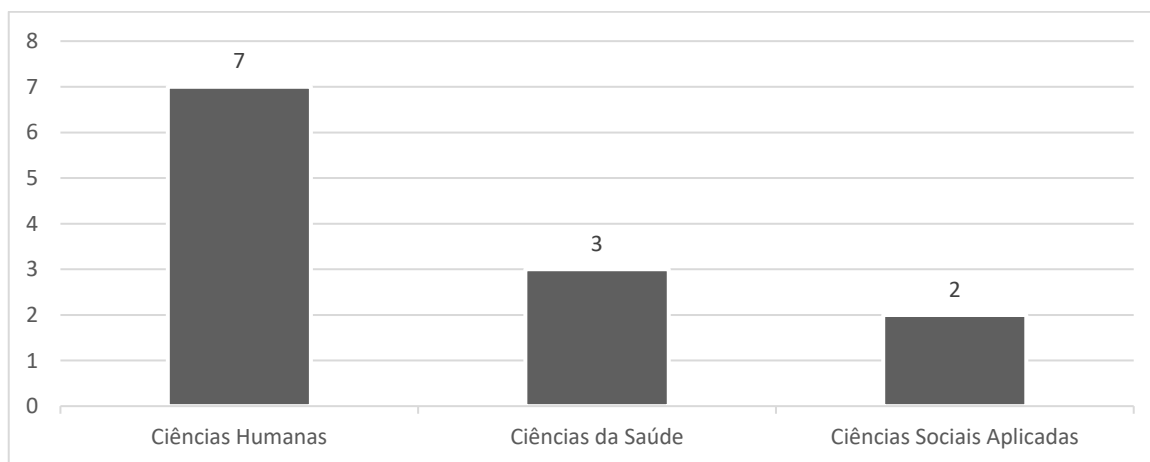


**Fonte:** Autores.

Deste modo, percebemos que as pesquisas se embasam em duas metodologias recorrentes: a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica.

No gráfico a seguir (Gráfico 3), podemos ver a distribuição dos trabalhos nas grandes áreas de conhecimento/avaliação, conforme tabela da CAPES (2017).

**Gráfico 3:** Distribuição de grandes áreas de conhecimento/avaliação da CAPES.



**Fonte:** Autores.

Na área das Ciências Humanas (Trabalhos 01;03;05;07;08;11;12), haviam trabalhos do campo da Antropologia, Filosofia, História e Sociologia. Na área das Ciências da Saúde (Trabalhos 02;09;10), os trabalhos eram do campo da Saúde Coletiva. Na área de Ciências Sociais Aplicadas (Trabalhos 04;06), haviam trabalhos do Direito e do Serviço Social. Percebemos a ausência de trabalhos relacionados a ciências exatas e da natureza, como Biologia, Química e Física; tal aspecto acentua a crítica de que tais áreas têm custado um pouco mais a se História, Filosofia e Sociologia da Ciência

introduzir nos debates feministas.

## Considerações

A partir da análise dos artigos presentes na literatura e enquadrados na pesquisa, percebemos que os autores não apresentam explicitamente sua vinculação teórica, ou seja, quais os referenciais adotados por eles para embasarem suas discussões relativas às epistemologias feministas. A maioria dos trabalhos trata-se, na sua maioria, de pesquisas Explicativas, bibliográfica e documentais, e, em especial, construídos em áreas das Ciências Humanas.

A predominância das Ciências Humanas demonstra como as Ciências Exatas e da Natureza ainda são resistentes a pensar sobre epistemologias feministas. Mesmo os estudos de gênero e ciência se configurando como um campo de pesquisa estabelecido, alguns questionamentos inerentes as formas de fazer e conhecer a ciência são insipientes, indicando que há uma primazia epistemológica masculina nas ciências que precisa ser questionada. Nesse sentido, acreditamos que a mudança epistemológica necessária a ciência, perpassa por debater as críticas feministas não apenas na história e filosofia das ciências, mas também na área de ensino de ciências e nas aulas de ciências.

Contudo, diante dos resultados encontrados nas propostas avaliadas, percebemos que há ainda uma necessidade de abranger um maior número de pesquisas, abarcando, também, a literatura não consultada por esta pesquisa, mas que possui sua relevância dentro do contexto da atividade científica, bem como incluindo outras bases de dados.

## Agradecimentos e apoios

À FAPESB – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

## Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, v.1, 2019.

BELL, J. **Doing your research Project: a guide for first-time researchers in education, health and social science**. 4. ed. England: Open University Press, 2005.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior. **Tabela de Área de Conhecimento/Avaliação**. (On-line). 2017. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>>. Acesso em: 7 ago. 2019.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

DIONOR, G.A. **Propostas de ensino baseado em questões sociocientíficas: uma análise sistemática da literatura acerca do ensino de ciências na educação básica**. 2018. 101f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador, 2018.

FRICKER, M. **Epistemic injustice: Power and the ethics of knowing**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GONZÁLEZ, V. Una introducción a los estudios sobre ciencia y género. **Argumentos de Razón Técnica**, v. 8, p. 43-66, 2005.



HARDING, S.G. (Ed.). **Feminism and methodology**: Social science issues. Indiana: University Press, 1987.

KAHN, S.; ZEIDLER, D.L. A Case for the Use of Conceptual Analysis in Science Education Research. **Journal of Research in Science Teaching**, v. 54, n. 4, p. 538-551, 2017.

KELLER, E.F. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? **cadernos pagu**, n. 27, p. 13-34, 2006.

LEVINSON, R. Towards a Theoretical Framework for Teaching Controversial Socio-scientific Issues. **International Journal of Science Education**, v. 28, n.10, p.1201-1224, 2006.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, J.; GROSSI, M. (Orgs.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. p. 25-37.

RAMOS, A.; FARIA, P.M.; FARIA, A. Revisão sistemática da literatura: contributo para a inovação na investigação em Ciências da Educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 17-36, jan/abr. 2014.

ROSSITER, M.W. The Matthew Matilda effect in science. **Social studies of science**, v. 23, n. 2, p. 325-341, 1993.

SANTOS, A.R. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência**. Bauru: Edusc, 2001.

ZALAUQUETT, C. Ciencia y género: lo legítimo y lo bastardo en epistemología científico-social. **Revista Izquierdas**, n. 12, p. 26-51, abril 2012.